

KOMESU, Fabiana; TENANI, Luciani. **O internetês na escola.** São Paulo: Cortez, 2015. (Coleção trabalhando com... na escola).

Fabiano Henrique Rocha\*

Recebido em:08/04/2017  
Aceito em:07/11/2017

---

\* Graduando em Letras Português com habilitação em Espanhol e suas respectivas literaturas pela Universidade Federal de Roraima.

O número de pesquisas envolvendo o internetês tem crescido no âmbito acadêmico e isso tem resultado em diversas propostas de materiais que respaldam seu aproveitamento efetivo em práticas pedagógicas. Existem verdadeiras querelas, entre pesquisadores e até mesmo estudantes de línguas / linguagem e educação, a respeito do uso pedagógico do internetês, pois, na visão de alguns, o conhecimento dessa modalidade atrapalha as práticas letradas da criança e do adolescente em fase escolar.

De 2005 a 2009, a professora Fabiana Komesu se dedicou a pesquisar a relação entre fala e escrita, sobretudo com relação aos gêneros que circulam na internet; junto com a professora Luciani Tenani, desenvolveu um projeto, entre os anos de 2008 a 2011, por meio do qual foram promovidas oficinas pedagógicas de leitura e interpretação de diferentes gêneros do discurso para alunos de 6º a 9º ano do ensino fundamental. Desse trabalho, resultou um acervo de 600 textos que exemplificam a temática desta obra: *O internetês na escola*, da coleção ‘trabalhando com ... na escola’ (Editora Cortez), que até este momento se compõe de oito títulos voltados às ciências da linguagem aplicadas às práticas educacionais.

O livro de Komesu e Tenani focaliza o uso do internetês no ensino fundamental; divide-se em sete capítulos e busca definir essa prática letrada, explicar o uso de suas abreviaturas, suas características e possibilidades de uso, bem como propõe atividades didáticas envolvendo o internetês, voltadas para alunos do 6º ao 9º ano.

Essa modalidade discursiva se difundiu em redes sociais, *blogs*, *chats* instantâneos, bate-papos e hoje é usada principalmente por jovens. Por esse motivo, as autoras buscam conscientizar professores, principalmente de português, das ferramentas tecnológicas disponíveis na atualidade, às quais grande parte dos alunos tem acesso e das quais faz uso.

No primeiro capítulo, as autoras definem o internetês como uma forma grafolinguística que foge à norma culta e se caracteriza, principalmente, pelo uso das abreviações, banimento de acentuação gráfica e omissão, troca e acréscimo de letras de acordo com a interpretação de quem escreve. Pode, muitas vezes, indicar emoções, um recurso bem particular da fala, como, por exemplo: Oi # Oie # Oieeeeeeee. Para tanto, valem-se da definição de Corrêa quanto à ideia do conceito de internetês:

Não se trata, portanto, de “interferência” da fala na escrita, concepção que tem como base oposição entre uma modalidade e

outra, mas de *modo heterogêneo de construção da escrita* fundado nas possibilidades que a própria estrutura oferece aos usos que as pessoas fazem do sistema linguístico, no jogo da interlocução social (KOMESU; TENANI, 2015, p. 22).

Segundo Barzotto (2004), citado pelas autoras, a falta de prestígio de outras variedades que não seja a norma culta deveria ser repensada pelos professores, que poderiam incorporar variedades das quais os alunos fazem uso com frequência dentro e fora da escola. Ainda em diálogo com o mesmo autor, Komesu e Tenani observam a importância do trabalho em sala de aula com as variedades praticadas pelos alunos, tendo em vista sua “produtividade na comunicação diária, na consideração das identidades dos grupos sociais e na produção artística, tais como em letras de músicas, dramaturgia e outras manifestações literárias” (BARZOTTO, 2004, p. 95-96 *apud* KOMESU; TENANI, 2015, p. 22).

No segundo capítulo, fica clara a intenção de desconstruir ideias generalizadas a respeito do internetês como escrita abreviada e problemática encontrada em textos de crianças e adolescentes. As autoras deixam claro que não concordam com a visão das abreviaturas como um problema e conceituam os termos abreviatura e abreviação, a fim de explicar que esse processo ocorre formalmente, como, por exemplo, escrevendo um texto oficial: “Sr. Prof. Dr. \*\*\*”, e pode ocorrer informalmente, em reduções tais como cerva (cerveja) ou biju (bijuteria); porém essas formas são características apenas de registros informais. A questão é que ‘cerva’ e ‘biju’ ocorrem no internetês, portanto essas abreviaturas, consideradas típicas da fala, também são escritas.

Ainda no segundo capítulo, as professoras analisam e discutem textos de alunos a respeito do internetês e mostram que essa proposta leva tanto o aluno quanto o professor a novas percepções sobre o uso da escrita no meio digital, acrescentando ainda que a internet é uma ótima ferramenta de pesquisa e estudos linguísticos para tratar das “regras” da abreviação digital, como, por exemplo, a exclusão das vogais total ou parcialmente de acordo com a palavra, ex: BLZ (BeLeZa) ; GTA (GaTA).

O capítulo três se aprofunda nas abreviaturas digitais e apresenta um estudo comparativo sobre as ocorrências de cada variação, que são categorizadas pelas autoras como:

a: Sequência de letras que resultam da omissão de vogais e do registro de letras que representam consoantes das sílabas que compõem a palavra

abreviada. Ex.: VC (Você), KD (cadê): ocorrência de 55,86% nos textos analisados;

b: Registro das primeiras letras de palavra que é empréstimo linguístico. Ex.: CAM (câmera): ocorrência de 31,98% nos textos analisados;

c: Formas reduzidas ou truncadas que são predominantemente relacionadas a práticas orais e letradas mais informais. Ex.: TO (estou), MINA (menina): ocorrência de 08,78% nos textos analisados;

d: Simplificação de dígrafos, os quais podem ser substituídos por grafemas de valor sonoro idêntico ao do dígrafo. Ex.: BIXO (bicho), KER (quer): ocorrência de 03,38% nos textos analisados.

Os capítulos quatro e cinco se destinam a explicar os processos abreviativos, de acordo com as classificações do capítulo anterior, que ocorrem em textos de alunos entre 6º e 9º ano, bem como a levar o professor-pesquisador a entender como as características das abreviaturas digitais podem ser investigadas, começando a introduzir ideias de como essas pesquisas podem envolver e motivar os alunos.

O capítulo seis é marcado pela análise de uma campanha publicitária de uma empresa de química, em que os símbolos da tabela periódica são substituídos por abreviações como: CR (criatividade), DV (diversidade), VC (você), entre outros. As autoras explicam que a proposta de uso do internetês é deixar clara a procura da empresa por profissionais que tenham proximidade com as novas tecnologias e formas de interação social, mostrando a professores-pesquisadores diferentes temas de pesquisa que podem ser encontrados em ambiente digital e propondo que incentivem os alunos a que confrontem informações divergentes apresentadas por fontes distintas.

O sétimo capítulo apresenta propostas de trabalho envolvendo o internetês nas práticas letradas. O capítulo foi dividido do 6º ao 9º ano do ensino fundamental II, e deixa claro que a análise desse tipo de discurso em sala de aula leva o aluno a uma reflexão mais detalhada sobre a língua portuguesa, além de envolver e incluir todo ou qualquer aluno que se sinta desprezado por não ter domínio pleno da norma culta.

Esse último capítulo serve como manual para todo professor que tenha interesse em usar essa prática em sala de aula, apresentando algumas propostas de estudos, os objetivos e um roteiro de atividades para cada ano letivo escolar de forma didática e autoexplicativa. Essa prática tem intuito de difundir o uso das variações na língua portuguesa, abolindo ideias que já não cabem mais na

realidade linguística brasileira, ideias essas que muitas vezes confundem e desanimam jovens.

Por contemplar farta exemplificação, a obra, apesar de se destinar a professores de língua portuguesa, pode ser útil a qualquer profissional dedicado à educação, o qual pode tirar proveito das propostas apresentadas pelas professoras a respeito do uso da linguagem da internet dentro do contexto escolar. As autoras respaldam-se em um referencial teórico consistente e citam estudiosos reconhecidos, como Corrêa e Marcuschi, refletindo acerca de suas considerações sobre a linguagem.

Dessa forma, podemos considerar que se trata de um livro fundamental sobre o assunto, configurando-se como uma espécie de manual para as práticas nele apresentadas. Cabe ainda observar que, além de propor o estudo do internetês e definir e discutir todos os conceitos afins, as autoras se preocupam em apresentar um roteiro de pesquisa e disponibilizar atividades divididas em anos letivos, como forma de incentivar o leitor-alvo do texto, professores de língua portuguesa, a refletir sobre o que foi apresentado pelas pesquisadoras como algo aplicável a suas próprias práticas educacionais e pesquisas em sala de aula.